

Suplemento Cultural

J. Barbosa Rodrigues e o Pe. Antônio Vieira

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO
– presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Na segunda quinzena de 1989, já desfrutando de uma robusta e prazerosa amizade com o Dr. Elpídio Reis (presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras), mostrei-lhe, como estreado na literatura campo-grandense, os originais do estatuto da Associação de Novo Escritores de MS, entidade a ser fundada com o apoio e aval dos escritores da capital. O aplaudido escritor olhou-me com espanto e certa admiração.

– Tem certeza que dará certo?
– Sim – respondi, com vigoroso brilho no olhar.

– Então eu lhe aconselho visitar o professor e historiador J. Barbosa Rodrigues...

Não perdi tempo. No dia seguinte passei na livraria Rui Barbosa (na época situava-se na Rua 14 de Julho) e adquiri “História de Campo Grande” (editado em 1980) e “História de Mato Grosso do Sul” (editado em 1985), livros da lavra do professor Barbosa Rodrigues.

No prédio do jornal **Correio do Estado**, na Avenida Calógeras, recebi-me sério, porém cortês, autografando suas obras com satisfação. Homem prático, culto, de poucas palavras, ouviu atentamente o desejo que embalava o meu coração, de fundar uma entidade para servir os iniciantes da bela arte de escrever, abrindo assim espaço para edições de livros na capital e no Estado.

Após analisar ligeiramente os itens do estatuto, demonstrou simpatia pela ideia, orientando, com interesse, a ampliação dos artigos, e fortalecendo com maior embasamento o regimento interno da novel agremiação literária. A partir dali houve uma amizade crescente entre



O PROF. JOSÉ BARBOSA RODRIGUES ENSINOU A ARTE DO JORNALISMO A MUITOS PROFISSIONAIS.

nós. Tivemos novos encontros até a festa da fundação da entidade no dia 13 de junho daquele ano, no Centro Cultural Otávio Guizzo, com ele e o Dr. Elpídio Reis presentes, contando, entre os convidados, dezenas de poetas e escritores.

Numa tarde de sábado visitei o professor Barbosa Rodrigues no apartamento onde morava, na Rua Maracaju, no edifício Ouro Preto. Conversamos animadamente sobre vultos notáveis que contribuíram com o avanço da literatura brasileira. Por ter sido seminarista, ele discorreu sobre os fabulosos escritores da ordem dos jesuítas: José de Anchieta, Manuel da Costa e Antônio Vieira, centralizando seus comentários neste último.

– Para mim – disse, olhando-me serenamente – o Padre Antônio Vieira é, certamente, o maior orador sacro da língua portuguesa. Ninguém o supera ou mesmo iguala. Os mais de mil sermões que pronunciou, incluindo os mais de três mil cartas que escreveu, encham 20 grossos volumes. Também integram suas obras completas os importantes e significativos livros “História do Futuro”, “Chave dos Profetas” e “Arte de Furtar”. Tive o privilégio de ler alguns de seus discursos.

Dentro de mim havia um frêmito de alegria. Mirava-o com respeito. Ali estava um intelectual de escol, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de MS, da Academia Brasileira de História e do Conselho Es-

tadual de Cultura.

– Olhe professor Barbosa – in-formei com ênfase – outro dia li um artigo do escritor paranaense L.M. Simões, que dizia: “O Padre Vieira era possuidor de uma cultura enciclopédica, dotado de uma memória prodigiosa, chegou a dominar, além do latim, do grego, do espanhol e do italiano, seis ou sete idiomas indígenas, com os quais, sobretudo na Bahia e no Maranhão, chegou a converter milhares de índios, que tiveram sempre nele um defensor implacável e intransigente. Prosador maiúsculo, orador sacro extraordinário, epistológrafo exemplar, humanista escolástico, político, diplomata. Catequista, homem de profunda fé e sólida moral, profeta, visionário, em todas essas facetas existenciais o jesuíta revelou grandeza vulgar e talento singularíssimo.”

Naquela riquíssima conversa também comentamos que o Padre Vieira, um dos gigantes da literatura clássica da nossa língua, enquadrava-se num dos cinco portugueses mais ilustres de todos os tempos.

No arremate do diálogo era necessário acrescentar o dia 6 de fevereiro de 1608, data de nascimento do Padre Antônio Vieira, em Lisboa,

“

“Ali estava um intelectual de escol (Barbosa Rodrigues), membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de MS, da Academia Brasileira de História e do Conselho Estadual de Cultura.”

falecendo no dia 18 de julho de 1697, poucos meses antes de completar 90 anos, na plenitude de sua capacidade intelectual.

Senti-me orgulhoso de ter como amigo o diretor-presidente do jornal **Correio do Estado**, escritor consagrado que, quando faleceu, no dia 19 de março de 2003, deixou um enorme vazio dentro de mim, uma perda irreparável no desenvolvimento do jornalismo e no avanço cultural de Mato Grosso do Sul.

Hoje, como titular da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, entidade que ele tanto amou, recebendo da mesma o título de “BENEMÉRITO DA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE”, inclino-me humildemente diante da figura brilhante do jornalista J. Barbosa Rodrigues, homem de conquistas imorredouras, sobre o qual se consubstanciavam as glórias auriluzentes do jornalismo e da literatura sul-mato-grossense.

POESIAS

PÉGASO DOS SONHOS

(Para o poeta Rubenio Marcelo)

Tal qual garboso pégaso que adeja Orquídeas e bromélias, tão solene A pousar no monte Hélicon – perene Mito da inspiração, que o amor mareja –

Pondo a jorrar a fonte de Hipocrene, Também tu’alma ao Infinito beija... E a fonte eterna, em ti, do amor lateja, E em ti lateja a inspiração infrene!

Se conta a lenda que o voador cavalo, Roçando o corpo no Hélicon, já fá-lo A fonte eterna que a Hipocrene inspira,

Também, roçando a Arte mais completa, Te fazes, ó Rubenio, um deus-poeta: Pois cantas – mas em ti Deus tange a lira!

GERALDO RAMON PEREIRA

O PASSADO

passado é tão quieto, triste moinho... Girando lento vai seguindo o vento, Aos ares os seus males... A ventoinha Em agonia, é dor e sofrimento.

A moenda rói, tritura o esquecimento, A impiedosa dor corta e dilacera. Um estampido surdo, sem alento... É distância, saudade... Longa espera...

Uma radiosa aurora está sem dono. Um sonho, lindo amor que jamais salva. É doente tentativa... Tudo em vão.

A distância cruel... É qual outono, Um ar triste e gelado recai na alma. Folhas secas rolando pelo chão.

ELIZABETH FONSECA (do livro Retalhos da Vida)

Gigliola

Demoliram o cine Alhambra, mas ainda brilham sonhos pintados de rosa e azul

RAQUEL NAVEIRA

Foi na minha adolescência, no cine Alhambra de Campo Grande, que assisti, o peito arfando, ao filme Dio come ti amo, de Miguel Iglesias, protagonizado pela doce cantora italiana, Gigliola Cinquetti. Lembro das cortinas de veludo; do palco coroado de cactos; da tela partida por um papel celofane, metade rosa, metade azul, para que o filme ficasse colorido. A voz de Gigliola, nova Julieta de Verona, penetrando na cabine de um avião, chamando o seu amado, pois “não seria possível viver sem ter em seus braços tanta felicidade”. Apaixonado, ele sai do avião, corre pela pista ao encontro daquela que “não tinha idade ainda para amá-lo, para sair sozinha”, mas que pedia que ele a esperasse para que pudessem desfrutar de um amor romântico e verdadeiro.

Sempre acreditei no amor como uma experiência universal, aspiração espiritual e não apenas como atração carnal. Como síntese de sexualidade e transcendência mística. O projeto de construir uma família sempre foi central em meu coração: gerar filhos num lar de afeição, de gentileza, de união abastecida por uma piedade profunda e extensa. A resolução firme e determinada de contribuir para a felicidade do outro. Esse ideal envolvia todo o meu corpo e caráter: desejo de ser bela, terna, solidária, animada, compreensiva para o

meu querido. Convidar alguém especial para compartilhar todos os momentos e exercer com alegria o ato de estarmos vivos, de sermos homem e mulher.

Continuo acreditando, embora a família esteja em crise, ferida, perdida, fragmentada, atacada por tanto lixo em forma de notícias e arte. Continuo acreditando no meio do suor, do cansaço, dos espinhos, das tribulações, dos males, do materialismo, do esforço do trabalho, dos ciúmes entre filhos e das afrontas. Continuo acreditando mesmo ridicularizada e escarnecida por insistir em bases que desmoronam, que parecem não fazer sentido para mais ninguém. Continuo acreditando em lealdade, pois amar é ser leal com quem nos mata, como escreveu Camões. Continuo acreditando em bodas, alianças e promessas. Continuo acreditando, perplexa diante de tantas mudanças, desobediências, desvarios, blasfêmias, libertinagens que terminam em cárcere e escravidão. Continuo acreditando que família é pedra angular, eixo, unidade da raça humana. Continuo acreditando que a coroa dos que envelhecem são os netos.

O amor para muitos está esfriando. Mas eu fui adolescente, chorei ouvindo Gigliola Cinquetti cantar Dio come ti amo. Demoliram o cine Alhambra, mas ainda brilham, entre os destroços, pedaços de sonhos pintados de rosa e azul.

Iniciação Escolar

WILSON BARBOSA MARTINS

Certa vez, fui à fazenda Formoso dos nossos primos Martinho Pires e Georgina Barbosa. Comigo estavam o cozinheiro Benedito e o cachorro perdigueiro Topsisius, malhado de branco e preto. O córrego Arrozal estava bufando, era para mim diversão ver o cachorro nadar. Na volta, apressei a montaria para rever o Topsisius exibir sua arte nas águas do ribeirão, mas sofri dor pungente, quando ouvi ladridos e o vi enrolado nas laçadas da sucuri que o devorou em instantes. Toquei a galope, comovido narrei o fato em casa, mas a sucuri se foi com o nosso cachorro.

Dessa fase da minha vida, relembro outra cena, esta cheia de ternura, quando minha mãe no fim da tarde insistiu para que eu acompanhasse o crepúsculo vespertino sentado ao lado do casal nos mourões da cancela de acesso ao pátio. Não fui porque ainda não aprendera a contemplar as belas cenas do entardecer.

Quando ouço a pomba-rola que diz “fogo-apagou” ou vejo a juriti esquiva, lembro-me da São Pedro, onde em 1917 minha bisavó Marcelina serviu de parteira, dando-me o primeiro banho nas águas da bacia de prata, contendo as poucas joias de minha mãe para fazer-me feliz.

Foi na São Pedro, com os filhos mais crescidos, que meu pai nos ensinou a trabalhar, especialmente nas lides de campo. Nossa alfabetização veio por seu esforço, embora ele não fosse paciente. Quando entramos na escola, em Entre

Rios, já sabíamos ler. Nossa irmã mais velha, Gaia, já se encontrava interna no colégio dos Anjos, em Botucatu, SP. Antes de partir, colheu na várzea, abaixo do rego d’água, linda açucena de colorido variado e, cheia de ternura, depositou-a nas mãos de nossa mãe. Muitos dos nossos parentes levavam as filhas para esse estabelecimento. Não me recorde se sabíamos escrever, creio que não. O velho mestre seu Caetano nos adiantou na tabuada – todos os seus alunos entravam no coral cantando com ele que, palmatória na mão, marcava o compasso. Pouco tempo depois, mudamos nossa matrícula para escola do seu Machado e, em 1929, fomos internados no ginásio municipal de João Tessitori Júnior, em Campo Grande. Desse período não guardo boas lembranças. As instalações eram precárias e a disciplina, a alimentação e os ensinamentos eram fracos. Esse colégio foi transferido em 1930 para os padres salesianos. As melhorias foram chegando aos poucos, até contarmos com os cursos e as instalações modernas dos dias de hoje.

O tempo passou, a vida foi tomando seu rumo, mas os anos da minha infância na companhia de meus pais e irmãos, desfrutando de uma natureza exuberante, ficaram como a lembrança de um tempo feliz, pontuando por exemplos de labuta, acontecimentos pitorescos e alguns fatos marcantes, como a passagem da Coluna Prestes, cuja dimensão na história só mais tarde eu viria a compreender.

NOITE INFINITA

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

Mais uma vez acordei com o sol bronzeando a nossa pele. E ao agradecer a Deus por outra noite feliz, peguei-me num débil diálogo:

– Obrigado, amigo, pelos teus raios que douram o mundo e o nosso corpo.

Logo, minhas mãos protegeram os olhos:

– Obrigado, mãos queridas, pelo bem que têm feito a mim e aos outros. Quanto orgulho eu sinto por serem limpas, puras e amáveis.

Deparei-me com os meus pés buscando o chão firme:

– Obrigado, pés queridos, por terem me levado a tantos bons caminhos.

Ainda no banho, observei todos os membros do meu corpo, cada um cumprindo perfeitamente o seu papel, felizes por mais uma noite colorida. Então sorri ao espelho e, ali, frente a frente comigo, atendi os meus olhos, que, radiantes, também me cobravam uma palavra:

– Obrigado, luzes da minha vida, janelas da minha alma.

Quando, ofegante de ciúmes, o meu nariz embaçou o espelho, acudi-lhe, igualmente, com um merecido elogio:

– Obrigado, mestre dos aromas, pelo sopro que alimenta o meu coração.

Minhas mãos limpavam o espelho, e os meus lábios se abriram num sorriso maior:

– Obrigado, lábios meus, pela doçura de tuas palavras e por terem sido o porto seguro da minha felicidade.

O espelho nem se livrara ainda do creme de barbear, quando esse diálogo fantástico foi carinhosamente interrompido por uma voz feminina, que chegou suave numa nuvem de alfazemas e com a cumplicidade febril de todos os membros, para transformar a aurora na extensão da noite.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADÊMICO J.P. FRAZÃO FAZ PALESTRA NA ACADEMIA DOURADENSE DE LETRAS – Com o tema “A Palavra Poética na Literatura Contemporânea”, nesta manhã de sábado (29/04), Frazão participa da programação literária na ADL, que termina no domingo, havendo também a participação do acadêmico Paulo Nolasco, ambos representando a ASL.